



## Recortes biográficos: Narrativas sobre o “Cinema da Floresta”<sup>1</sup>

Raruza Keara Teixeira GONÇALVES<sup>2</sup>

Christina Ferraz MUSSE<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, MG

### Resumo

O cinema, como linguagem audiovisual, implicou em novas práticas culturais e novas formas de interação social. Em Juiz de Fora, a exibição fílmica ganhou espaço nas primeiras décadas do século XX, concomitantemente ao processo de incremento urbano. Contudo, estas experiências também alcançaram o meio rural, a partir da criação de um cinema na Comunidade da Floresta na década de 40. No intuito de tecer histórias sobre o “Cinema da Floresta”, a presente pesquisa inclina-se sobre relatos biográficos, a fim de conceber dados sobre a história do cinema e sua importância para a integração da comunidade. Logo, a partir de um enfoque memorial buscou-se compreender a história a partir de experiências de vida e pontos-de-vista dos personagens que contribuíram para a sua construção.

**Palavras-Chaves:** audiovisual; narrativa biográfica; memória oral; interdisciplinaridade

### 1 Introdução

O cinema inaugurou um processo comunicacional capaz de desenvolver habilidades pessoais e sociais para se compreender a realidade. Através de uma mediação imagética, a linguagem cinematográfica tornou-se ponte entre as construções de sentido de suas histórias e as percepções interpretativas de seus significados pelo público, transcendendo ao campo do conhecimento e das subjetivações o que antes eram impressões.

As narrativas audiovisuais encontraram terreno fértil em Juiz de Fora já nas primeiras décadas do século XX. As salas de exibição fílmica compunham o cenário da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 - Estudos Interdisciplinares da comunicação do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da UFJF na linha de Comunicação e Identidades. E-mail: ruzakeara@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Dra. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da UFJF. E-mail: musse@terra.com.br



cidade em pleno processo de ordenação do urbano. O que se estendeu à produção cinematográfica na figura de João Carriço. O cinema, como prática cultural, conquistou ainda o meio rural do município, contrariando a expectativa sobre o cinema como prática coletiva urbana.

Dessa forma, o presente artigo levanta dados sobre um cinema fundado em 1940 na comunidade da Floresta, fruto da iniciativa privada do grupo familiar e empresarial Assis. Através de narrativas biográficas de quatro fontes tem-se objetivo de construir aspectos sobre a história do “Cinema da Floresta” e como o mesmo foi importante elemento de integração comunitária. Ainda mostrar como estas memórias de vida trazem à tona vivências comuns, laços de identificação e sociabilidades.

As histórias de vida multiplicam os espaços de rememoração, ainda que sejam marcadas pelo descompasso entre a lembrança e o esquecimento. A exposição destas narrativas individuais, ainda que transitórias e incompletas, são os vasos de ligação entre o passado e presente. Por isso, compreendê-las é uma forma de entender a história como o tempo em movimento. É ancorar o mundo em plena transformação, através de um percurso entre elementos concretos, que serviam como referência para os sujeitos (GOULART; BARBOSA, 2007).

Sob uma base teórica a partir da História Oral, aspectos da memória local e individualidades biográficas entrelaçam-se em uma análise sobre a importância do Cinema da Floresta como elemento comum dessas experiências de vida. Logo, por meio de uma pesquisa interdisciplinar tem-se o objetivo de lançar novos olhares sobre a comunicação audiovisual e sua função em sociedade.

## **2 Juiz de Fora: Elites e construção do urbano**

O século XIX representa um marco na construção da sociedade brasileira. A nação que emergia pelas mãos do herdeiro à Coroa Portuguesa trazia consigo um olhar ainda incipiente rumo ao desenvolvimento do novo país. Quadro que se altera a partir da metade do século, mediante a presença de uma forte elite econômica, que focada no sistema agrário-exportador, passa a ser a principal interessada em novas formas de obtenção de lucros. Fato que ganhará força com a implantação da indústria e de novos mecanismos técnicos, fontes para a captação de novos recursos capitais na transição para o século XX.



As alterações, que ocorreram ao longo do processo de incremento urbano, passam a ser incorporadas pela população, revelando novos costumes, valores e hábitos. “Seja nas relações socioeconômicas ou/e culturais, o que se verifica é a materialização de novas vivências surgidas na sociedade capitalista” (BARROS, 2008).

A cidade de Juiz de Fora representa o que foi esse período de transitoriedades. Emancipada em 1850, teve na atividade cafeeira o meio para viabilizar o processo modernizante das elites locais. Com uma posição geográfica favorável, a cidade fazia parte de diversas rotas comerciais, contribuindo com o escoamento do café, o que a transformou em um dos principais entrepostos comerciais de café da Zona da Mata Mineira.

No final do século XIX, fatos marcantes situaram Juiz de Fora em uma posição de vanguarda nos setores industrial e cultural. Em 1889, é inaugurada a primeira usina hidrelétrica da América Latina, a Usina Marmelos, que dará origem a Companhia Mineira de Eletricidade (CME). O empreendimento, controlado pelo grupo industrial Bernardo Mascarenhas, passa a ser gerido pelos Assis Penido a partir de 1911 (BARROS, 2008). Quase uma década depois, a cidade apresenta a primeira sessão cinematográfica de Minas Gerais em 1897 (SIRIMARCO, 2005).

Em Juiz de Fora, a elite agrária e industrial representou no período 1850-1950 uma atuação dinamizadora em prol do desenvolvimento socioeconômico. Em um projeto liberal não definido, esta burguesia emergente participou como parte integrante na promoção de projetos culturais pioneiros. Em certa medida porque na época o poder público local ainda não contasse com uma administração pública capaz de atender as demandas advindas com os padrões da nova estrutura social. Mas também, por esta elite ser altamente politizada, atuando efetivamente do processo de fomento à cultura.

Mas era uma oligarquia que tinha formação cultural. (...) Que tinha atividades culturais e reunia figuras independentemente dos juízos que você possa fazer sobre suas posições, ou suas eventuais obras; era gente que valorizava a cultura (NETTO apud MUSSE, 2008, p.138).

Por meio desta breve dissertação sobre o processo de transição rural-urbano brasileiro buscou-se mostrar de que forma o capital oriundo da elite agrária local foi decisivo para transformar a realidade, até aquele momento, vigente. Dessa forma, pretende-se mostrar a participação de alguns personagens desta elite na valorização de



práticas culturais em Juiz de Fora e como isto colaborou para a inserção da comunidade no processo de exibição cinematográfica no município.

## 2.1 Novas mentalidades e seu papel na cultura

O grupo familiar e industrial dos Assis Penido é fruto da união entre as famílias dos Assis e dos Penido. O casal Carolina Isabel Campos e Francisco Ribeiro de Assis deixou um legado de desenvolvimento na zona rural juizforana, o que, posteriormente, pelas mãos de seus descendentes alcançaria a cidade. Responsáveis pela construção da sede e pelas benfeitorias da Fazenda da Floresta<sup>4</sup>, adquirida em 1858, foram capazes de transformar o empreendimento agrário em um modelo administrativo.

A Fazenda da Floresta será administrada por João Nogueira Penido Filho-marido de Maria Carolina Assis, a primeira filha do casal Assis- após a abolição da escravatura em 1888, momento de crise econômica em todo o país. Ele ainda será o gestor dos demais negócios da família, sendo o ano 1890 o começo de um ciclo áureo para a Fazenda da Floresta. O que possibilitará o direcionamento de recursos capitais para outras áreas de investimento, como a indústria.

O grupo familiar Assis Penido, como já mencionado, passa a gerir a Companhia Mineira de Eletricidade em 1911. A partir desta iniciativa, outras virão. Eles serão os donos da Companhia de Bondes, da Companhia Telefônica, do Banco Juiz de Fora e da Fábrica de Tecidos São João Evangelista, fundada em 1922 na Floresta. Estes empreendimentos repercutiram no entorno da cidade, alterando a rotina cotidiana:

O entrelaçamento destas duas famílias veio a constituir uma união de forças econômicas vinculadas aos setores mais dinâmicos do município, o agrário e o industrial e do serviço de fornecimento de eletricidade, ao serem os principais acionistas da antiga Companhia Mineira de Eletricidade, mas também social e cultural... (PASSAGLIA, s.d, p.138).

A criação da Fábrica de Tecidos São João Evangelista na comunidade da Floresta mostra a mentalidade desenvolvimentista da família Assis, uma vez que implantavam em meio-rural as tecnologias de maquinário mais modernas utilizadas na Europa. Segundo, Margarida Maria Assis de Oliveira Ferraz, neta do Coronel Theodorico Assis, segundo responsável pela administração dos bens dos Assis, a

---

<sup>4</sup> A Fazenda da Floresta existe até hoje. Ela deu origem aos bairros Retiro, Jardim Esperança e Floresta, na zona sudeste de Juiz de Fora. Atualmente, a fazenda pertence ao engenheiro Mário Ribeiro de Oliveira.



relação entre o operariado e a direção era de reciprocidade, a fábrica adotou medidas assistenciais aos seus operários:

A família por parte do meu pai, os meus ancestrais, meus avôs, bisavôs tinham esta vontade de melhor a vida dos operários. A vida do meu pai era ficar na fábrica, que naquela época tinha um progresso muito grande... A fábrica tinha tudo, tinha açougue, tinha escola, tinha farmácia, tudo ali. Eu tenho impressão que eles não pagavam nada. A luz, água, tudo era mantido pela fábrica. Não vou garantir, mas eu tenho impressão que sim. Tanto é assim, que após a saída de meu pai ficaram os meus irmãos, que acabaram mais tarde vendendo a fábrica. O pessoal diz que sofreu demais, porque estavam acostumados a ter tudo, de repente tiveram que manter e comprar as casas. Isto já tem até bastante tempo. (FERRAZ, 2010).

Ainda de acordo com José Luiz Neto, funcionário da Fábrica de Tecidos São João Evangelista desde 1954, os donos da empresa contribuíram para o desenvolvimento da região e por uma melhoria no padrão de vida de seus funcionários. Tanto pelo investimento no setor industrial, quanto pela valorização à cultura, que se dará com a criação de um cinema em um dos galpões da fábrica:

Hoje por ter se transformado em bairro é bem pior que 50 anos atrás. Não temos nada aqui por perto. Para tudo temos que nos deslocar até o bairro Jardim Esperança ou ir até 'Juiz de Fora'. Quando a fábrica foi fundada, minto, até alguns 40 anos atrás, era bem melhor. Porque a fábrica desenvolvia tudo. Tinha armazém, farmácia, escola, dois médicos disponíveis duas vezes por semana, pediatra para as crianças, dentista, até banho de luz e raio-X. Tinha também... Um parque recreativo, clube, barbearia, açougue, clube, campo de futebol, espaço de vivência para jogo de xadrez e carteadado. As casas dos operários eram da fábrica, tudo que se precisava como carpinteiro, eletricista, mecânicos, pedreiros, a fábrica também dava. Luz, água e aluguel tudo era gratuito. Ah! Tinha escola profissionalizante, banda de música, os seminaristas vinham nos dar aula de teatro. E o cinema... (NETO, 2010).

Neste percurso memorial sobre o desenvolvimento de Juiz de Fora e a formação de uma elite local interessada em viabilizar esse processo, chega-se ao alvo de interesse desta pesquisa, o "Cinema da Floresta". No intuito de compreender de que forma a manutenção deste cinema foi importante como meio de integração da comunidade da Floresta a partir do envolvimento de seus agentes sociais, tem-se a oportunidade de ir ao encontro de histórias de vida por meio de uma apreensão teórica em torno da memória oral.



### 3 Cinema: “Encontro marcado” com Juiz de Fora

Pensar o cinema nos dias atuais para se compreender aquilo que ele imprimia como meio de comunicação no início do século XX é aludir sobre uma improvável comparação em termos culturais, sociais, até mesmo sensoriais. Antes de um aparato técnico, as primeiras gerações a terem o contato com a “telona” viam no cinema a possibilidade de dialogar com o mundo, ainda que fosse através do olhar.

O cinema tinha certa competência educativa para o ver, uma disposição valorizada socialmente de compreender, era a possibilidade de fazer análises sobre histórias escritas por meio de uma narrativa audiovisual (DUARTE, 2002).

Em Juiz de Fora, o cinema teve uma aceitação interessante pelo público nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, leva-se em conta o fato de a primeira exibição cinematográfica de Minas Gerais (1897) ter ocorrido na cidade e a compatibilidade entre o cinema, como hábito do modo de vida burguês, e o município, que se desenvolvia ancorado nas ideias de progresso econômico:

A consolidação das salas de cinema em Juiz de Fora pode ser percebida a partir de 1911. A concorrência determinou a busca das empresas por filmes de maior sucesso no mundo. (...) Sessões ao ar livre- O Cinema Sereno- passam a ser praticadas na cidade, ocorrendo uma grande presença de crianças (BARROS, 2008).

Mas, este interesse pelo seu cinema não se restringiu à exibição fílmica. A produção de filmes também terá adeptos. Neste sentido tem-se como referência a Carriço Film. Criada por João Carriço<sup>5</sup> na década de 20, a empresa marcou três décadas na produção de documentários e cinejornais.

Isso nos permite concluir que o conjunto de cinejornais e documentários da Carriço Film configuram um ciclo. Em nossa proposta, chamamos a esta produção ininterrupta-ciclo da Carriço Film de Juiz de Fora. Preferimos não nomeá-la “ciclo juizforano”, uma vez, que só a Carriço Film filmou, durante 24 anos, sob a direção de João Gonçalves Carriço (SIRIMARCO, 2005, p.140).

Estes dados sobre a exibição cinematográfica e a produção de filmes mostram o cinema como um meio comunicacional que despertou interesse em Juiz de Fora neste

---

<sup>5</sup> João Carriço (1886-1959) foi um dos pioneiros do cinema mineiro, produziu cinejornais e documentários durante as décadas de 30, 40 e 50. Sua empresa Carriço Film, configurou um ‘ciclo de cinema’ em Juiz de Fora.



período de ordenação do urbano. Dessa forma, a criação do Cinema da Floresta no meio rural na década de 40, a partir de capital privado do grupo Assis, é outro elo para se compreender estes espaços de exibição fílmica como ações pioneiras em termos socioculturais.

### **3 Interpenetração entre passado e presente: Memórias sobre o “Cinema da Floresta”**

Por meio de um acesso ao campo da subjetividade e às lembranças pessoais, marcadas pelas sequelas do tempo como o esquecimento e o silêncio<sup>6</sup>, encontram-se os fios condutores para uma construção memorial do “Cinema da Floresta”. Os relatos individuais são como fragmentos “esgarçados” pelos anos, o que implica em uma valorização da memória do indivíduo como parte de um todo, que é reconstruído de forma ininterrupta a partir de atualizações e reconfigurações constantes da fala destes personagens sociais.

A História Oral contribui para situar os indivíduos como atores no processo de formação da memória coletiva, enfatizando o uso social do passado, colaborando com uma nova perspectiva sobre os modos de vida e a cultura. Ao expor as experiências vividas pelo sujeito, seja no grupo familiar, seja em comunidade, tem-se a possibilidade de uma melhor interpretação de dados.

A forma autobiográfica dá a cada um de nós a oportunidade de se crer um sujeito pleno e responsável. (...) Somos talvez enquanto sujeitos plenos, apenas personagens de um romance sem autor. A forma autobiográfica talvez não seja o instrumento de expressão de um sujeito preexistente a ela, nem mesmo um “papel”, mas antes o que determina a própria existência de “sujeitos” (LEJEUNE, 2008, p.124).

Logo, a partir das narrativas biográficas de quatro fontes pretende-se trazer à tona a história do Cinema da Floresta. Os entrevistados são Margarida Maria Assis de Oliveira Ferraz, Márcio Alcântara Assis, netos do coronel Theodorico Assis (responsável pela Fábrica após o distanciamento de João Penido), José Luiz Neto, operário da fábrica desde 1954 e o responsável pela projeção dos filmes no cinema, e

---

<sup>6</sup> POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, v.2, n.3, 1989.



Moacir Andrade, ex-funcionário da fábrica e desenhista dos cartazes de divulgação dos filmes que seriam exibidos no “Cinema da Floresta”.

O “Cinema da Floresta” iniciou suas atividades na década de 40, funcionava em um galpão da fábrica da Fábrica de Tecidos São João Evangelista, sendo construído pela iniciativa dos donos da fábrica. José Luiz Neto relembra que o terceiro e último pavilhão da fábrica foi construído em 1939 e o cinema já existia no começo dos anos 40. As sessões eram noturnas, sempre aos sábados, com reprise aos domingos. “A sessão começava às 19h, tinha um valor simbólico, o dinheiro era usado para pagar o porteiro, a bilheteria e mais dois operários...” (NETO, 2010). Ele era ainda garoto, quando o seu tio já projetava os filmes do cinema:

O operador de máquina do cinema era meu tio. Ele aprendeu a projetar no Cine- Teatro Central, porque lá também exibia filmes em Juiz de Fora. Eu e mais um primo íamos para ajudar. E depois aprendemos a projetar. A gente tinha que enrolar o filme de novo, toda a vez que acabava (NETO, 2010).

O funcionário da fábrica ainda narra como era o cinema fisicamente e o envolvimento com as atividades do cinema daqueles que trabalhavam na fábrica ou moravam na comunidade:

O galpão foi construído para ser o cinema, cabiam 350 a 450 cadeiras. Todos iam ao cinema. Na época, aqui, era uma comunidade fechada, não tinha quase ônibus para cá. Para ir a ‘Juiz de Fora’ tinha que sair de manhã e só voltar à noite. Isto fazia as pessoas irem ao cinema e a se envolver. O cinema tinha tudo, tinha cartazes para anunciar o filme, tinha baleiro, lanterninha e um barzinho do lado de fora. Tinha gente que saía para tomar um aperitivo ou fumar na hora do intervalo. Era nesta hora que a gente trocava os rolos... (NETO, 2010).

A memória individual do recordador sempre traz imprecisões próprias, que desvendam sua relação particular com a coisa a ser lembrada. “Existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, não- ditos” (POLLAK, 1989, p.9). O funcionário Moacir Andrade também conta como foi sua participação no cinema. Entre suas lembranças, a história da fábrica se faz mais presente:

Eu fazia as propagandas... Eu trabalhava no almoxarifado, aí fazia os cartazes em tabureta grande... Tinha muito filme bom... Ah! Na máquina,

eu trabalhava também, mas só de curiosidade... Porque o Geraldo Adeón era quem ficava na máquina. Ele é o tio do Zé Luiz. As sessões eram no sábado e no domingo... Não me lembro muito dos filmes... Tem mais de 50 anos... Imagina nessa cabeça, que já tem 83 anos... (ANDRADE, 2010).

A lembrança de velhos como nos coloca Ecléa Bosi é um “intermediário informal da cultura”, sendo a mediadora entre a geração de hoje e as testemunhas do passado (BOSI, 2003). As histórias narradas sobre o Cinema da Floresta se encontram em traços comuns ao longo da oralidade dos entrevistados, ainda que algumas impressões estejam mergulhadas no subterrâneo de imprecisões, resumidas em expressões como eu acho, me parece, não me recordo bem.

Esta diversidade de olhares sobre tal realidade pode trazer novas questões sobre a exposição da cultura de determinado grupo. Assim, as memórias individuais constroem e são construídas pelas referências e lembranças do próprio grupo, convergindo para um ponto- de- vista sobre a memória coletiva (HALBWACHS, 1990).

Eu frequentava todo sábado, mas acho que era aos sábados e aos domingos. Era à noite, era às sete e meia da noite e ia até nove e meia. Até o rapaz que tomava conta de lá já morreu. (...) Ele ficava lá para abrir a porta. Eu me lembro que eu não perdia. Era em um galpão, a tela adaptada em um canto com cadeirinhas. Eu adorava ir ao cinema, porque as fitas eram boas. Era muito interessante! Eu só assistia quando estava de férias (FERRAZ, 2010).

Na Floresta tinha um cinema, que hoje virou depósito da fábrica... Era sábado e domingo que tinham as sessões. A gente tinha lugares especiais, era um barato! A gente não pagava e os operários pagavam uma moedinha (Assis, 2010).

Era tudo muito baratinho, era só para manter mesmo. Porque tudo quem mantinha era a fábrica. O pessoal da fábrica quem desenrolava os filmes, tudo era gente da fábrica. Eu só fazia as propagandas... Eu acho que os filmes vinham do Carriço, ele foi muito importante para o cinema de Juiz de Fora (...). Foi um tempo bom, eu tinha acabado de me casar, levava a minha esposa (ANDRADE, 2010).

O Cinema da Floresta significou não apenas um espaço de interação social, mas também um meio para disseminação de conteúdos e discursos comunicacionais. A partir da linguagem cinematográfica, as pessoas educavam-se para uma nova forma de ver o mundo e de consumir os produtos de comunicação:



Os filmes daquela época vinham da *Metro* e da *Cia Paramounts*. Passava muita coisa boa como Tarzan e os filmes brasileiros com a Emilinha Borba. As mulheres gostavam dos filmes do Brasil, porque tinha os artistas da Rádio Nacional. Mas primeiro passava os jornais da Atlântida. Ah! Tinha as séries, Capitão Mário, Deusa de Joba e Roy Roger. Tinha muito *bang bang*. A sessão durava uma hora e meia, contando os trailers. O jornal sempre vinha primeiro, eles vinham do Rio de Janeiro e eram distribuídos pela Caruso aqui em Juiz de Fora. Também tinha os cinejornais do João Carriço... Aí passava o filme e só depois a série. Que era como a novela hoje... Dava curiosidade e expectativa. Tem outra coisa... Os documentários... Lembro de ter visto algo sobre a Europa depois da guerra (NETO, 2010).

Eu vi muito, tinha um seriado, o *Fu-Manchu*. Na época era um personagem oriental que fazia mágica, a gente ia para ver. Como não tinha novela, eram os seriados que faziam muito sucesso! Passava antes dos filmes, *Fu Manchu* era um grande clássico (ASSIS, 2010).

Eu adorava o cinema, porque eu era menina também. E era tudo tão bem organizadinho. Tinha um filme maravilhoso também, que até hoje eu queria rever: Uma Rosa de Esperança. Lindo, lindo, lindo! Era sobre a guerra. (FERRAZ, 2010).

O cinema imprimiu uma nova relação das pessoas com a sua realidade de mundo. A cultura audiovisual implicou em uma nova forma de conceber informações, ainda de conhecimentos, que passaram a atuar em um campo subliminar de sentidos. Como processo de comunicação, o cinema alterou padrões de consumo e produção, criando uma nova cultura e novos modelos de sociedade. A linguagem audiovisual como explica Castells superou a comunicação escrita “nos corações e almas da maioria das pessoas” (CASTELLS, 1999, p.413).

O Cinema da Floresta também tinha um corpo de censura, criado por aqueles que trabalhavam no cinema e tinha por objetivo, segundo José Luiz Neto garantir que as exibições fílmicas pudessem ser assistidas por um maior número de pessoas:

Existia um corpo de censura na sexta-feira, porque só assim saberíamos se podia ser passado o filme na noite de sábado. Antes se passava o filme sem vê-lo e se tivesse uma cena mais ‘pesada’ na hora da sessão, tínhamos que parar o filme. As pessoas ficavam com raiva, porque ficava tudo escuro e sabiam que estávamos cortando partes... Depois com o corpo de censura ficou melhor, a gente cortava e ninguém percebia nada. O corpo de censura era formado por seminaristas... Podia entrar todo o mundo acima de cinco anos... (NETO, 2010)

As atividades no cinema se encerraram no final dos anos 60, quando a TV já passara a ocupar o lugar de prestígio no cenário comunicacional do país. “Quando



entrou a TV, o cinema deu uma caída... Os donos estavam com ideia de ampliar a fábrica... Aí, o cinema acabou.” (NETO, 2010).

Entre as fontes há poucas informações em suas narrativas que dêem clareza a data de encerramento das atividades no cinema<sup>7</sup>. Márcio Assis recorda que no fim do Cinema da Floresta já não havia mais exhibições de filmes, suas lembranças sobre a última vez que o cinema funcionou referem-se a um Show dos Novos Baianos no fim de 60. Enquanto, Margarida Maria Assis de Oliveira Ferraz não teve lembranças sobre este fim:

O cinema que já não exibia mais sessão, mas tava muito (...). Platéia, palco, tudo direitinho, correu a notícia... E a gente fez um show dos Novos Baianos nesse cinema. Eu acho que foi a última vez... Um show totalmente *underground* mesmo. Eles chegaram numa noite e passaram o dia na Casa Grande. Na noite seguinte o cinema estava lotado só de alternativos... Show dos Novos Baianos... Então, eu acho que foi uma das últimas atividades que aconteceu neste cinema, depois virou um depósito (ASSIS, 2010).

E eu me casei, me mudei para o Rio de Janeiro. Depois eu fiquei muito tempo fora e quando eu voltei já tinha acabado o cinema. Depois nunca mais... (FERRAZ, 2010)

A partir de individualidades notam-se elementos vividos e compartilhados pelas gerações passadas, desde a série cinematográfica, a ausência da TV e das novelas, a predominância do cinema e as limitações tecnológicas do meio. Mais que isto, os relatos individuais sobre a experiência junto ao cinema mostram aspectos comuns, que compreendidos através de um percurso da memória, passam a ser essenciais para a constituição de uma identidade coletiva (BARBOSA; PINHEIRO, 2005).

As narrativas sobre a história do Cinema da Floresta traz aspectos da realidade cotidiana daquela geração, mostrando elementos de integração em comunidade. A memória individual está intrinsecamente relacionada à organização social da vida. Por meio dela se constrói a história oral, em que narrativas tornam-se imagens dialéticas sempre renováveis pelo diálogo entre passado e o presente.

#### 4 Considerações Finais

---

<sup>7</sup> A pesquisa em torno do Cinema da Floresta ainda está andamento. No momento, o intuito é encontrar novos personagens e memórias individuais na Comunidade da Floresta, que contribuam com novos dados sobre a história do cinema.



As narrativas biográficas sobre o Cinema da Floresta contribuíram para entender como o próprio atuou como mecanismo de integração entre indivíduos de uma mesma comunidade. Através de memórias particulares, suas experiências encontraram um caminho comum, fortalecendo aspectos identitários. Como em qualquer outra pesquisa, a possibilidade de olhares sobre o objeto não se esgota em si. E no caso de uma abordagem focada em memórias orais tem-se um oceano de histórias, que se cruzam em descontínuo de informações fragmentárias.

O que controversamente colabora para uma construção constante da história pelos os sujeitos sociais que a escrevem. Ao evocar o passado busca-se trazer o próprio presente em sua inconstante transformação, evidenciando que os elementos do ontem estão incorporados às práticas de reconhecimento mútuo.

Através da memória dos velhos, o “Cinema da Floresta” pôde emergir como elemento agregador cultural, o que as narrativas biográficas expuseram em amálgama com subjetivações, pontos-de-vista e experiências individuais em relação à própria linguagem cinematográfica. Fato que expõe o processo comunicacional como mediador na criação e recriação dessas sociabilidades.

## Referências

ANDRADE, Moacir. Entrevista concedida á Raruza Keara Teixeira Gonçalves, 2010.

ASSIS, Márcio Alcântara de. Entrevista concedida à Raruza Keara Teixeira Gonçalves, 2010.

BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional. In: **Comunicação e Sociedade**. Disponível em: [galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/.../R1900-3.pdf](http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/.../R1900-3.pdf). Data de acesso: 16 de março de 2010.

BARROS, Cleyton Souza. **Eletricidade em Juiz de Fora: Modernização por fios e trilhos (1889-1915)**. Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós- Graduação da Faculdade de História da UFJF. Juiz de Fora, 2008.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaio da Psicologia Social**. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003.

CASTELLS, Manoel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação: refletindo sobre cinema e a educação**. Belo Horizonte. Autêntica, 2002, p. (126).



FELZ, Jorge. A fotografia de imprensa e o desenvolvimento industrial de Juiz de Fora (1870-1940). In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Anais, São Paulo: Intercom, 2006.

FERRAZ, Margarida Maria Assis de Oliveira. Entrevista concedida à Raruza Keara Teixeira Gonçalves, 2010.

GONÇALVES, Raruza keara T; MUSSE, Christina Ferraz. **Narrativa audiovisual em Juiz de Fora**: Tecendo memórias sobre o Cinema da Floresta e a Produtora de Cinema Regina. **Anais do VIII Encontro Regional de Comunicação**. Juiz de Fora, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Vértice. São Paulo, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória. Arquitetura, Monumentos, Mídia**. Rio de Janeiro.Ed. Aeroplano, 2000.

LEJEUNE, Philipe. **O pacto autobiográfico: De Rosseau à Internet**. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2008.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, Cultura e Imaginário Urbano: Exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora**. Funalfa. Juiz de Fora, 2008.

NETO, José Luiz. Entrevista concedida à Raruza Keara Teixeira Gonçalves, 2010.

OLIVEIRA, Marita de Assis Ribeiro de. **Eles e Vocês**. Juiz de Fora, 1986- 184p. Mimeografado.

PASSAGLIA, Luiz Alberto do Prado. **Preservação do patrimônio histórico de Juiz de Fora**. Edição Prefeitura de Juiz de Fora, s.d.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lúcia Maria Alves. **Mídia e Memória**. A produção de sentidos nos meios de comunicação.Mauad X. Rio de Janeiro, 2007.

SIRIMARCO, Martha. **João Carriço: O amigo do Povo**. Funalfa Edições- 204 p. Juiz de Fora, 2005.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, v.2, n.3, 1989.

VISCARDI, Cláudia M.R, DELGADO, Lucília de A. Neves. **História Oral: Teoria, Educação e Sociedade**. Editora UFJF. Juiz de Fora, 2007.